

RELATO DE EXPERIÊNCIA: INTERCÂMBIO CULTURAL E A DOCUMENTAÇÃO DAS PRÁTICAS DE TECELAGEM E FIAÇÃO COM LÃ NO SUL DO BRASIL E NO NORTE ARGENTINO

KATIANE FERREIRA¹; CARLA GASTAUD²

¹Universidade Federal de Pelotas – katidescom3e@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – crgastaud@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um relato de experiência do projeto de intercâmbio cultural realizado entre 2024 e 2025, com deslocamentos pela Argentina (Buenos Aires, Salta e Jujuy) e pelo sul do Rio Grande do Sul (Arroio Grande, Pelotas e Morro Redondo). O objetivo foi registrar práticas de tecer e fiar com lã, escutando e documentando as histórias de artesãs e artesãos. Para tanto, foram realizadas entrevistas, registros fotográficos, gravações e observações de campo, buscando documentar as técnicas, os saberes e a memória oral associados à fibra de lã.

A tecelagem e a fiação com lã são conhecimentos milenares que trazem consigo a memória, a identidade e a história de comunidades. O projeto foi contemplado pela Lei Paulo Gustavo (editais de Demais Áreas, 2023), o que possibilitou sua realização e garantiu as condições para a pesquisa de campo. Neste trabalho, apresento meu relato de experiência, articulando reflexões a partir das vivências no intercâmbio cultural, dos registros produzidos e das vozes de artesãs e artesãos encontrados no percurso.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada foi a cartografia, entendida aqui não como um mapa estático, mas como um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação (Rolnik, 2006). Como afirma Suely Rolnik, “a cartografia [...] acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos, sua perda de sentido e a formação de outros” (Rolnik, 2006, p. 23). Nessa perspectiva, o processo metodológico utilizado me possibilitou não apenas traçar ligações entre os fazeres das artesãs - cujas práticas borram as fronteiras nacionais -, criando um novo mapa, mas também me deixar atravessar pelas similaridades e histórias pessoais; esses afetos individuais foram então relacionados e integrados à memória dessas interlocutoras (Rosário, 2013, p.91).

Durante o campo foram feitos registros por meio de fotografias, gravações e anotações. O trabalho se desenvolveu em diferentes etapas: a preparação prévia da viagem, a realização das visitas, a busca pelas artesãs através de indicações e pesquisas na internet, os encontros com as artesãs e, na etapa na qual me encontro, a organização e a produção da qualificação da minha pesquisa a partir dos registros coletados produzidos.

O critério de escolha dos locais e pessoas esteve relacionado tanto à relevância cultural das práticas têxteis quanto às possibilidades reais de deslocamento dentro do projeto. Na Argentina, foram privilegiadas regiões onde a tradição da lã se mantém fortemente presente. Já no Sul do Brasil, o foco esteve em comunidades rurais e grupos de artesãs próximas de Pelotas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante meu intercâmbio cultural, viajei pelo norte da Argentina e pelo sul do Rio Grande do Sul em busca de pessoas que preservam os saberes ligados ao tecer e ao fiar com a lã. Minha principal motivação foi entender como esses saberes atravessam gerações e se mantêm vivos mesmo em sociedades industriais e aceleradas como as nossas. Cada encontro foi uma oportunidade de praticar uma escuta atenta, onde mais do que técnicas do tecer com a lã, existiu a confiança de me contar histórias de vida. Como observa Walter Benjamin (1994) em “O Narrador”, a oralidade, familiarmente ligada ao trabalho manual, foi uma forma de transmissão de histórias e conhecimentos.

Ao observar o ato de fiar a lã e de tecer, percebi como esses saberes se costuram diretamente à memória e à identidade das comunidades. Nesse sentido, entendi que tecer é também uma forma de narrar histórias e de afirmar pertencimentos. Como lembra Oliveira (2007), apoiando-se em Halbwachs (2004), a memória coletiva diferencia-se da História porque é contínua, construída colaborativamente a partir da experiência, do afeto e da ancestralidade.

Esse processo aparece, por exemplo, no relato de Sofia, artesã de Salta, ao lembrar o aprendizado com sua avó: “Sí, como que me enseñó. Porque dejaba el palo así en la casa y en el cerro, en el puesto, y yo agarraba este y le metía ahí. Así no podía, también, pero igual, después, y ahí he hecho, y ahí he hecho, imagínate”. Como Sofia, que pegava a agulha que a avó deixava pela casa e aprendia tentando, outras interlocutoras afirmaram ter aprendido a tecer ‘sozinhas’, explicando depois, porém, que se referiam a um contato cotidiano com essa prática no ambiente doméstico.

As práticas de fiar e tecer foram transmitidas oralmente em um processo contínuo, e por muito tempo mantidos à margem da “memória oficial”¹. Nesse sentido, Foucault (1977 apud Peralta, 2007) fala da “contra-memória”, entendida como as vozes silenciadas que resistem aos discursos dominantes e mantêm vivas as histórias que não encontram lugar nas narrativas hegemônicas. Essas histórias são mantidas vivas através da história oral, que é passada de geração para geração, como no caso da Sofia e dos outros interlocutores que entrevistei, tanto no Brasil como na Argentina.

Com base nos estudos feministas e na observação do contexto do artesanato, é possível compreender que grande parte desse trabalho é realizada por mulheres, frequentemente inseridas em grupos familiares ou comunitários de baixa renda, como já evidenciam pesquisas sobre o artesanato na América Latina:

Uma atividade produtiva de valor social, cultural e econômico, exercida em geral de forma informal por grupos de produção espalhados por todo o Brasil e pela América Latina, grupos marcados por relações de família e de vizinhança, formados, em sua grande parte, por mulheres de baixa renda. (Keller, 2014, p. 3).

Essa invisibilidade não é por acaso. Como lembra Perrot (2008 apud Ávila, 2011), o “silêncio das fontes” marcou historicamente a ausência das mulheres na produção artística e intelectual. As mulheres só tiveram direito à educação apenas no século XX que se reconheceu que as mulheres também têm uma história e que essa história podia ser escrita e assumida conscientemente (Perrot, 2007, apud Ávila, 2011, p. 11).

¹Pollak (1989) aponta que a memória oficial seleciona acontecimentos e símbolos do passado para legitimar projetos de identidade coletiva, como no caso de narrativas sobre “nação” que exaltam figuras militares e silenciam conflitos sociais.

Pude observar que, no Norte da Argentina, havia mais artesãos homens trabalhando com a lã do que nas cidades que visitei no Rio Grande do Sul. Nos grupos brasileiros que conheci, não encontrei homens artesãos de lã. Mas mesmo com a presença de artesãos na Argentina, existe um preconceito de que essa prática é para mulheres. Em Jujuy, o artesão Matías me contou sobre sua percepção:

Sino que ellos piensan que el tejido es para mujeres. Muchos también, a mí me dicen lo mismo, '¡Ay, el tejido es para mujeres! No me interesa hacer así, para mujeres, ¿no?'. Mi abuelo sabe tejer, mi abuelo no era una mujer, les digo. El tejido, así es, es tejido, pero tengo la herencia y me la guardo (Matías M., Jujuy - Argentina, 30 anos, entrevistado em Janeiro/2025).

A partir deste relato, podemos perceber que a transmissão de conhecimentos da tecelagem em lã não envolve apenas técnicas ou tradições, mas também está atravessada por normas de gênero - nos fazendo refletir sobre a importância e necessidade de considerar gênero, memória e relações sociais ao analisar o trabalho artesanal em lã nesses dois territórios. Outra questão que pode ser ligada ao gênero é: quem tem tempo para tecer? Geralmente, as mulheres que tecem nas zonas rurais dividem seu tempo entre cuidar da casa e dos filhos, tecendo nos intervalos, ou então já são aposentadas.

Essas experiências me fizeram pensar sobre o tempo do tecer. Ao contrário da lógica acelerada do mundo contemporâneo, fiar e tecer exigem paciência e atenção, aprendendo a criar um ritmo próprio que contrasta com a produtividade imediata. Nesse sentido, a fala de Ida, artesã do Arroio, nos mostra a tensão entre a lógica contemporânea do descarte e a resistência do fazer manual:

Existe um desinteresse total. Agora, eu vou dizer assim, não sei se é pelo processo de demora, não sei se é porque as pessoas não querem fazer, se as pessoas acham que aquilo ali não é produtivo, não sei te dizer. Tu vê pela campanha mesmo, que as mulheres, os donos das produtoras botam fora a lã e não fazem nada, não fazem uma cobertura pra casa, preferem ir ali no Uruguai comprar uma manta e um cobertor, um acolchoado, um edredom do que fazer. Aqui em Arroio tem gente enterrando bolsas e bolsas de lã. Porque não querem fazer o processo. Porque não querem lavar. Não querem desfiar. (Ida, Arroio Grande - Rio Grande do Sul, 55 anos, entrevistada em Abril/2025).

O trabalho com a lã mostra como o tempo do fazer artesanal não se resume a uma técnica, mas envolve cuidado, tempo e, sobretudo, coletividade. As etapas de lavar, cardar, fiar e tecer demandam longas horas, um tempo que não é pago pelo preço das peças produzidas. É justamente essa ausência de retorno econômico que faz com que muitas pessoas deixem de se interessar pela artesanato, priorizando atividades mais rentáveis. Essa condição ajuda a compreender a reflexão de Walter Benjamin:

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história... Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual (Benjamin, 1994, p. 205).

4. CONCLUSÕES

Quando Benjamin afirma que a arte de contar histórias se perde porque “ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história”, ele nos mostra que a

narrativa, antes enredada ao trabalho manual, foi sendo esvaziada à medida que o tempo da produção artesanal deixou de ser vivido coletivamente. Se outrora fiar e tecer eram atividades que possibilitavam encontros, conversas e transmissão de saberes, hoje, no contexto do capitalismo acelerado, o tempo do fazer manual é visto como improdutivo e é, por isso, progressivamente abandonado.

Tecer e fiar com a lã é mais do que o ato em si: é encontro, é coletividade. Quase todas as pessoas entrevistadas estavam vinculadas a grupos ou associações, justamente porque o processo completo, até que a lã possa ser utilizada, é trabalhoso e demanda tempo. Esse tempo, muitas vezes não lucrativo, ganha novo sentido quando vivido em grupo, pois é preenchido por conversas, trocas e acolhimento.

Como artista visual, encantei-me pela matéria da lã — sua textura e suas diversas possibilidades de criação. Como pesquisadora, maravilhei-me com as pessoas e coletivos que conheci durante minhas andanças. Fui recebida de forma acolhedora, a ponto de me sentir parte desses grupos, e é nessa costura entre matéria, memória e afeto que identifico a importância dessa pesquisa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. 7. ed. ISBN: 85-11-12030-0.
- KELLER, Paulo F. **Trabalho e economia do artesanato no capitalismo contemporâneo**. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 29., 2014, Natal. Anais... Natal: ABA, 2014. GT 034: Etnografias do capitalismo.
- OLIVEIRA, Letícia. **Lã crua, fios da memória: mulher, artesanato e patrimônio cultural do Rio Grande do Sul**. 2019. 145f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação.
- PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: resenhas críticas. **Antropologia, Escala e Memória**. N. 2, p. 4-23, 2007. Disponível em: [http://arquivos-da-memoria.fcsh.unl.pt/ArtPDF/02_Elsa_Peralta\[1\].pdf](http://arquivos-da-memoria.fcsh.unl.pt/ArtPDF/02_Elsa_Peralta[1].pdf). Acesso em: 16 fev. 2025.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Vol. 2. n. 1, 1989. Disponível em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 20 fev. 2025.
- ROSÁRIO, Nísia Martins do. Mitos e cartografias: os novos olhares metodológicos na comunicação. In: ROSÁRIO, Nísia Martins do. **Perspectivas metodológicas em comunicação**: novos desafios na prática investigativa. Salamanca: Ed. Comunicação Social Edições e Publicações, 2013. Cap. x, p. 195-220.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.